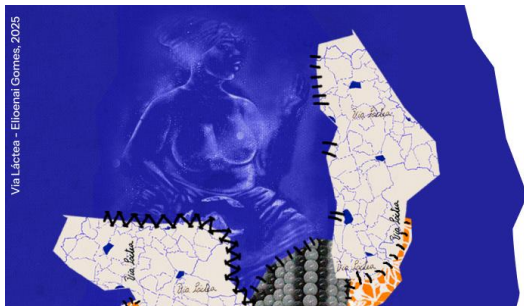




## ENTUSIASMO POR PARTILHAR PRÁTICAS DE DANÇA JUNTO A CRIANÇAS: EMERGENTES DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA COLEÇÃO DANÇA/NATUREZA

### ENTHUSIASM FOR SHARING DANCE PRACTICES WITH CHILDREN: INSIGHTS EMERGING FROM THE CREATION OF THE DANCE/NATURE COLLECTION

Marcos Henrique Souza<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mabel Botelli<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

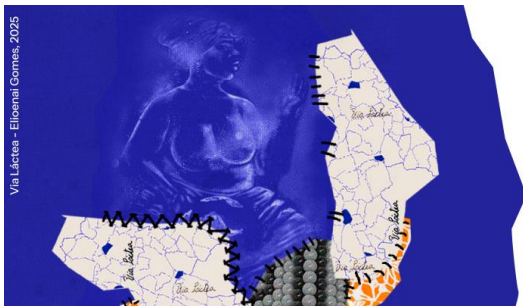
**Resumo:** O texto apresenta as reflexões e descobertas que emergiram no processo de criação da coleção Dança/Natureza, desenvolvida no âmbito do Coletivo de Dança/Educação da UFRJ. O objetivo central é partilhar saberes sobre Dança/Educação junto a crianças, a partir da experiência de elaboração de cadernos pedagógicos que nasceram de registros de práticas artístico-pedagógicas. A metodologia adotada é a Prática Artística como Pesquisa, situada no campo da Pesquisa Performativa (Haseman, 2015), em que a escrita e a criação se enraízam no entusiasmo da prática e no diálogo entre registros, experimentações e proposições em dança. Como resultados, foram identificados doze eixos de reflexão que orientam a experiência com crianças, entre os quais destacam-se: a partilha em lugar da cartilha, a proposição em vez de atividade, o protagonismo infantil, a relação com o espaço encantado, o uso de estímulos diversos, as metáforas corporais e as palavras dançantes. Esses eixos não se configuram como prescrições, mas como convites à invenção e à criação coletiva. Conclui-se que a coleção Dança/Natureza contribui como gesto micropolítico, afirmando a dança como direito e campo de conhecimento, em práticas que acontecem em diálogo entre educadores e crianças, reafirmando o entusiasmo como força criadora que move corpo, pensamento e escrita.

**Palavras-chave:** dança/educação; infância; prática artística como pesquisa; saberes emergentes; escrita dançante.

**Abstract:** This text presents reflections and discoveries that emerged during the creation process of the *Dance/Nature* collection, developed within the Collective of Dance/Education at UFRJ. The central objective is to share knowledge about Dance/Education with children,

<sup>1</sup> Licenciando em Dança - UFRJ. Bolsista no Coletivo de Dança/Educação (UFRJ). Bacharel em Dança (2023) e Mestre em Dança (2025) pela UFRJ. Designer Gráfico (2014) pelo SENAC-RJ. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4345995534214079>.

<sup>2</sup> Artista/Educadora, coreógrafa, psicomotricista. Pós-Doutoranda, (UNA–Argentina). Dra. em Psicossociologia (UFRJ). Profa. do DAC/UFRJ. Coord. Do Coletivo Dança/Educação, UFRJ. Conselheira do Inst. Tear. Foi coord. Da Licenciatura em Dança (UFRJ, 2013/2017), profa. da Escola Angel Vianna (1988-2008), diretora da Cia Cirandeira (2008-2012). Representante (suplente) do RJ na FAEB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4492681617889933>.



based on the experience of elaborating pedagogical booklets born from records of artistic-pedagogical practices. The adopted methodology is Artistic Practice as Research, situated in the field of Performative Research (Haseman, 2015), in which writing and creation are rooted in the enthusiasm of practice and in the dialogue between records, experimentations, and dance propositions. As results, twelve axes of reflection were identified to guide the experience with children, among which stand out: sharing instead of prescribing, proposition instead of activity, children's protagonism, the enchanted space, the use of diverse stimuli, bodily metaphors, and dancing words. These axes are not presented as prescriptions but as invitations to invention and collective creation. It is concluded that the *Dance/Nature* collection contributes as a micropolitical gesture, affirming dance as a right and as a field of knowledge, in practices that occur in dialogue between educators and children, reaffirming enthusiasm as a creative force that moves body, thought, and writing.

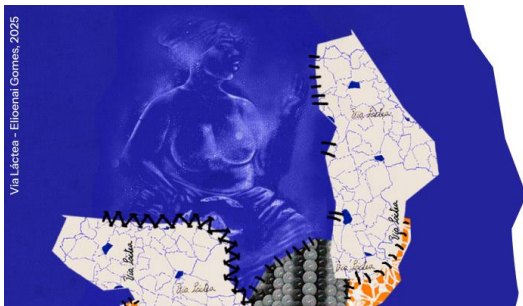
**Keywords:** dance/education; childhood; artistic practice as research; emerging knowledge; dancing writing.

## 1 PARTILHA INICIAL:

Entusiasmados em partilhar o que fazemos no Coletivo de Dança/Educação da UFRJ, mobilizamo-nos para articular, nesta comunicação, as ideias e descobertas que emergiram no processo de criação da coleção Dança/Natureza. O Coletivo, como o chamamos intimamente, germinou em 2018, vinculado ao Departamento de Arte Corporal da UFRJ, e desde então vem estendendo suas raízes pelo solo e seus galhos pelo ar, criando laços que resultaram em frutos, entre eles a coleção que aqui nos ocupa.

Somos Marcos, bolsista do Coletivo desde 2020, e Mabel, coordenadora do laboratório, e nos colocamos como urdidores dessa trama. Escolhemos um tom de partilha, porque desejamos que este texto soe como uma conversa íntima entre educadores — daquelas que acontecem nos corredores: “fiz isso em sala de aula com crianças e deu certo”, “experimentei essa proposição e os alunos gostaram bastante”, “partir desses estímulos em práticas de dança me ajudou muito em meus processos artístico-pedagógicos”. Como nos inspira Thereza Rocha: “No lugar da cartilha, proponho a partilha. Aqui, antes de qualquer coisa, uma conversa de dança.” (Rocha, 2016, p. 82).

Esta conversa de Dança tem por tema os conhecimentos emergentes durante o processo de criação da coleção Dança/Natureza no contexto do Coletivo. O Coletivo

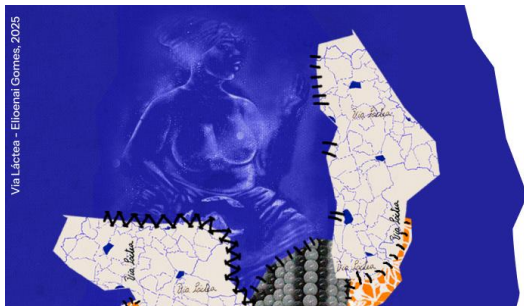


de Dança/Educação é um laboratório de pesquisa, ensino e extensão que envolve discentes das três graduações em Dança da UFRJ em práticas com crianças, propondo a Dança como direito de todos e como área de conhecimento. Suas ações incluem performances e oficinas, produção de videoaulas e videodanças, divulgação de materiais para educadores e criação de cadernos de práticas — entre os quais lançamos recentemente a coleção Dança/Natureza.

Almejamos, e este é o nosso objetivo aqui, partilhar as descobertas sobre Dança/Educação para crianças que emergiram enquanto elaborávamos a coleção Dança/Natureza. Escolhemos doze eixos de reflexão que sintetizam alguns dos achados desta investigação: Cartilha/partilha; Atividade/proposições; Para/junto a crianças; Espaço encantado; Estímulos (sonoros, visuais, literários, materiais); Metáforas corporais; Descritivo/relacional; Diretivo/não-diretivo; Emergente das crianças; Protagonismo das crianças; Palavras dançantes; da brincadeira para a dança.

Inspiramo-nos em metodologias de Prática Artística como Pesquisa, situadas no campo da Pesquisa Performativa proposta por Brad Haseman (2015). Para o autor, em seu Manifesto pela Pesquisa Performativa, os pesquisadores, que ele chama de guiados-pela-prática (*practice-led researchers*), “constroem pontos de partida empíricos a partir dos quais a prática segue. Eles tendem a ‘mergulhar’, começar a praticar para ver o que emerge. Eles reconhecem que o que emerge é individualista e idiossincrático. (Haseman, 2015, p. 44). Com isso, Haseman sugere a artistas-pesquisadores, mergulhar em suas práticas que, no nosso caso, é uma prática artístico-pedagógica, deixando que dela se desdobre o pensamento.

Dessa forma, adotamos como principal abordagem metodológica na escrita deste texto a Prática Artística como Pesquisa, em que os pesquisadores “podem ser levados por aquilo que é melhor descrito como ‘um entusiasmo da prática’: algo que é emocionante, algo que pode ser desregrado [...]” (*ibid.*, p. 44). O termo “entusiasmo”, do grego *enthousiasmós*, remete a “estar possuído por um deus” — uma inspiração que invade e move. Não é um problema a ser solucionado racionalmente, mas uma força viva que atravessa corpo e pensamento, habitando-nos e impulsionando-nos a



agir. É nesse entusiasmo que se enraíza nossa escrita e se abre esta conversa de dança.

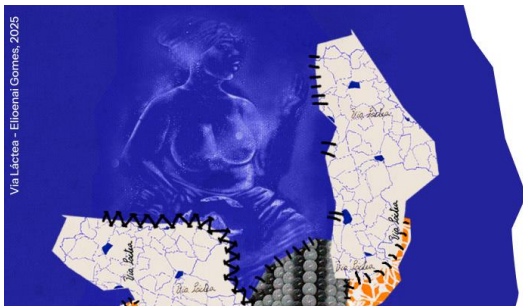
## **2 A COLEÇÃO DANÇA/NATUREZA: DOS REGISTROS AOS CADERNOS**

Se, na partilha inicial, falamos do entusiasmo da prática como força que move corpo e pensamento, é dele também que nasce a coleção Dança/Natureza. Publicada em novembro de 2024, com lançamento em março de 2025, ela brota do desejo de partilhar caminhos de dança junto a crianças. Para contar sua origem, escolhemos narrar como esse entusiasmo pelos registros se transformou em cadernos, até chegar à materialização da coleção.

Essa história começa na Argentina, com a formação de Mabel Botelli na Primera Escuela Argentina de Expresión Corporal/Danza, fundada por Patricia Stokoe. Incentivada por Stokoe e por sua parceira de pesquisa, Perla Jaritonsky, Mabel vem ao Rio de Janeiro onde é convidada por Angel Vianna para lecionar na Escola Angel Vianna (EAV). Ali, entre 1988 e 2008, surge a prática das monografias coletivas: cada turma escrevia um caderno compartilhado, registrando experiências das aulas que lecionava Mabel, como Expressão Corporal, Didática e Estágio. Esses documentos, ainda disponíveis na biblioteca da escola, constituíram uma memória em palavras vivas do curso e inauguraram a relação de Mabel com uma escrita que pode ser pensada como dançante.

Em 2011, atuando como docente do Departamento de Arte Corporal da UFRJ, Mabel recria essa experiência sob a forma dos Diários das Disciplinas, construídos por estudantes em duplas ou trios, costurados ao final do processo em Cadernos das Disciplinas. Registros que são arquivos vivos, atravessados por imagens, reflexões e ilustrações e demais contribuições dos discentes.

Com o tempo, e com a enorme quantidade de registros, Mabel reflete: como compartilhar esse material com educadores da dança em diferentes contextos da Educação Básica? É a partir desse entusiasmo que, em 2017, surgem três projetos: Dança/Educação para a Educação Infantil, para o Ensino Fundamental e para o Meio Ambiente. Juntos, eles constituem a base do que logo se tornaria o Laboratório



Coletivo de Dança/Educação da UFRJ — ou simplesmente Coletivo. Nele, bolsistas e voluntários, junto a Mabel, revisitaram os Cadernos e Diários das Disciplinas, identificaram temas recorrentes e transformaram-nos em propostas artístico-pedagógicas para crianças, experimentadas em oficinas, escolas e eventos.

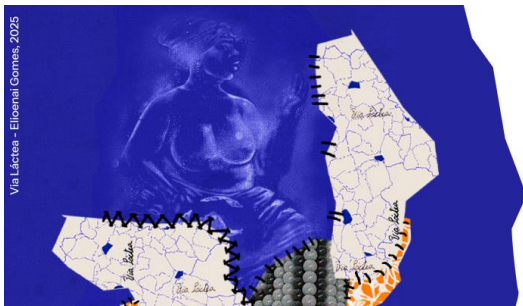
A partir desse movimento, nascem os cadernos da coleção Dança/Natureza: do desejo de transformar registros em material compartilhável, capaz de atravessar contextos de sala de aula e ganhar corpo como proposições artístico-pedagógicas. Cada volume tem um percurso próprio, que começa em observações feitas nos Cadernos e Diários das Disciplinas e se concretiza em narrativas que organizam em fios condutores que dão sentido às práticas.

O caderno *Águas* (Botelli; Nogueira; Pimentel, 2024) surgiu quando Gleiciane Nogueira e Thais Pimentel, junto a Mabel, observaram nos registros a recorrência do tema da água em diferentes turmas. Reunindo essas propostas, buscaram um fio condutor que pudesse entrelaçá-las, encontrando no ciclo da água a narrativa capaz de articular práticas diversas criadas por discentes ao longo dos anos. Assim, o caderno se constituiu como uma coletânea de experiências que fluem e se transformam, como a própria água.

O caderno *Borboletas* (Botelli; Jordana, 2024) nasceu de uma prática em sala que desafiava a gestualidade estereotipada da borboleta — geralmente associada apenas a braços que batem como asas. A partir dessa observação, Lara Jordana e Mabel criaram uma narrativa que expandia o gesto, propondo borboletas nas mãos, nos pés, nas pernas, em duplas, em múltiplas possibilidades corporais. A narrativa do ciclo de vida da borboleta — do ovo à lagarta, do casulo ao voo — serviu de fio condutor para práticas que transitam entre o individual e o coletivo, sempre abertas à imaginação.

O caderno *Aiê, Caracol* (Botelli; Farias; Vicença; Costa, 2024) nasceu de uma poesia feita canção. Para suas andanças, Samara Vicença, Tamires Costa e Caroline Farias, criaram o personagem Aiê. Inspirado no caracol, chegaram à dança o tempo lento e a forma espiralar como convite às crianças. As práticas exploram contrastes como entrar/sair, expandir/recolher, dentro/fora — movimentos que ressoam tanto com o universo do caracol quanto com experiências fundamentais das infâncias.





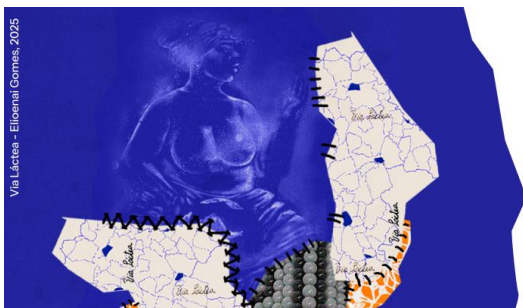
Já o caderno *João, o sabiá* (Botelli; Nogueira, 2024) nasceu de uma proposta apresentada em sala por Maicon Lima, retomada e expandida por Gleiciane Nogueira. A partir do personagem João, o sabiá, organizaram-se práticas que remetem ao ninho, ao encontro e ao voo da liberdade. Narrativas e proposições corporais se entrelaçam nesse volume, convidando crianças a dançar o percurso do cuidado ao risco, do acolhimento ao voo.

Assim, cada caderno, tecido de registros, narrativas e práticas dançantes, ultrapassa a forma de um simples material pedagógico, ou “pedagogizante”, e se torna matéria viva de criação. É do encontro da dança com a palavra, que emergem os saberes que partilhamos — não como cartilhas, mas como reflexões que podem dialogar com os fazeres de educadores da Dança e de tantas outras linguagens artísticas.

### 3 OS SABERES EMERGENTES

Dos cadernos da coleção Dança/Natureza emergem caminhos de reflexão que queremos partilhar. Esses saberes são impulsos da prática que se revelaram ao longo de oficinas, registros e vivências em dança junto a crianças. Para dar visibilidade a esses aprendizados, organizamos doze eixos de reflexão, cada um como um convite à experiência, à invenção e à escuta do que emerge em espaços educativos em que se experiencia a Dança.

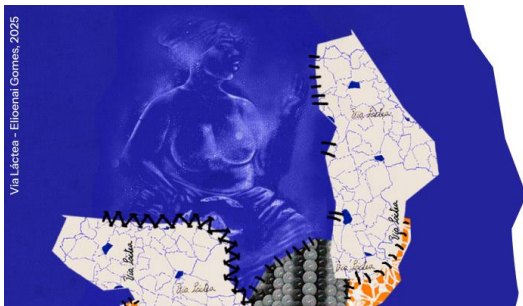
O primeiro eixo parte de uma provocação de Thereza Rocha: “na dança, já estamos fartos de cartilhas. No lugar da **cartilha**, proponho a **partilha**.” (Rocha, 2016, p. 82). Cartilhas, muitas vezes, funcionam como materiais pedagógicos fechados, que determinam o que ensinar e como ensinar. Nossa escolha foi a de produzir cadernos que fossem caminhos a serem explorados pelos educadores, deixando espaço para a própria identidade docente, para a singularidade de cada contexto e para o protagonismo das crianças. Partilhar, mais do que ensinar, significa abrir possibilidades, sugerir trajetórias e convidar a criação coletiva, mantendo o entusiasmo vivo que nos guiou desde a concepção dos cadernos.



O segundo eixo surge da reflexão sobre o termo “**atividade**”, como observa Mirian Celeste Martins (2019, p. 2390): atividades tornam-se tarefas a cumprir, objetivos a alcançar, e limitam o potencial criativo e transformador do processo. Em contrapartida, sugere a ideia de **proposição**: situações de experiência, nas quais educadores e crianças entram em diálogo, permitem-se transformações durante o percurso e descobrem novos sentidos em movimento. Uma proposição não é entregue pronta; ela se constrói, se desdobra e se modifica com o encontro entre quem propõe e quem vive a prática. (*ibid.*, p. 2400). Assim, os cadernos da coleção Dança/Natureza não apresentam “atividades” para serem cumpridas, mas proposições a serem exploradas. Cada narrativa surge do desejo de partilhar caminhos já trilhados, deixando espaço para que outros educadores e crianças se apropriem, inventem e redescubram o movimento e a dança em sua própria experiência. A diferença é sutil na palavra, mas profunda na prática: sair da “atividade” é abrir-se para o encontro e a criação.

Também substituímos produções “**para** crianças” por “**junto às** crianças”, o que vai além de um jogo de palavras: é um gesto político e educativo. Quando produzimos dança “para” crianças, a relação se estabelece de maneira vertical, do adulto ao aluno, determinando caminhos e modelos a serem seguidos. Já “junto as” indica parceria, diálogo e coparticipação; reconhece que as crianças são agentes ativos na construção do movimento e da experiência. Na coleção Dança/Natureza, muitas práticas surgiram desse encontro, em que educadores e crianças criaram conjuntamente, respeitando tempos, ritmos e imaginações próprias, configurando uma prática horizontal que valoriza a infância. Esperamos que os educadores que experienciarem nossas proposições, mantenham o movimento de recriá-las junto às suas crianças.

Nossas reflexões também se detiveram no espaço da prática de dança que concebemos como **espaço encantado**: além de um fundo neutro, este pode ser um parceiro de movimento e relação. Observamos que ambientar a sala, transformando-a em cenário vai além de um gesto estético: abre novas formas de relacionamento consigo mesmo, com o outro e com o ambiente. Thereza Rocha (2016, p. 73) nos lembra que “o espaço não é lugar, mas *partner*”, pois é nele que o corpo se expande e, ao mesmo tempo, é por ele expandido. As proposições da coleção Dança/Natureza,



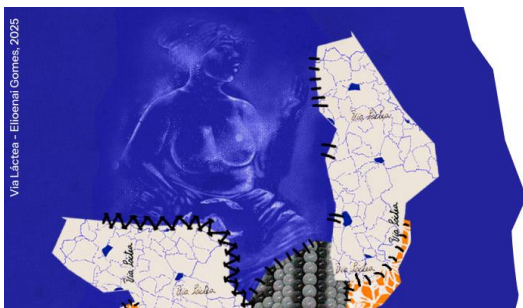
incentivam o cuidado com a ambientação dos espaços educativos convidando crianças e educadores a dançar de maneira sensível, percebendo que cada gesto dialoga com o entorno, e que o espaço, quando encantado, potencializa experiências enriquecedoras e poéticas.

Isso se estende à experimentação com estímulos que podem ser de diversas ordens: sonoros, visuais, literários e materiais. Os **estímulos** convidam à dança junto ao outro, ao espaço e ao mundo. Nos cadernos da coleção Dança/Natureza, propomos dançar a partir de diversos estímulos como parceiros de movimento, em diálogo com a noção de que cada materialidade pode instaurar relações horizontais, multiplicando possibilidades de encontro e descoberta na dança, sem hierarquias ou imposições, apenas com atenção e abertura para o que emerge do movimento compartilhado. Os estímulos sonoros atuam como ritmos e texturas que provocam o movimento e suas variações dinâmicas; os estímulos visuais sugerem formas, cores e imagens que inspiram gestos e trajetórias; os estímulos literários propõem histórias e símbolos que movem narrativas corporais; e os estímulos materiais transformam-se em parceiros de dança das crianças.

As **metáforas corporais** atuam como pontes entre o imaginário e o movimento, oferecendo caminhos de exploração que não partem do modelo do professor, mas das experiências e interpretações das crianças. Nos cadernos da coleção Dança/Natureza, elas surgem como imagens, histórias e metáforas no texto que convidam à invenção, à improvisação e à criação coletiva. Cada metáfora propõe uma forma de mover e dançar que transcende a descrição literal, estimulando o corpo a transformar ideias em gestos, ritmos e relações. Assim, experiencia-se movimentos que evocam situações narrativas ampliando as possibilidades expressivas da dança e fortalecendo a autonomia e o protagonismo infantil.

Isso esbarra necessariamente na noção de proposta **diretiva** ou **não-diretiva**. Na dança para crianças, muitas práticas se estruturam de forma diretiva: o educador apresenta o movimento, que é então replicado pelos alunos. Essa postura é importante para aquisição de repertório, mas limita a criação e a emergência do movimento próprio das crianças. No Coletivo, buscamos equilibrar o diretivo e o não-diretivo, oferecendo proposições que sugerem caminhos sem impor modelos. O não-



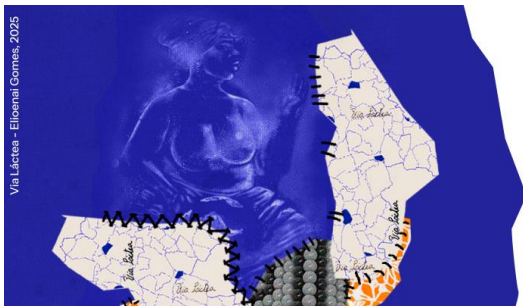


diretivo convida as crianças a descobrir gestos, ritmos e sequências a partir do encontro com o outro e dos estímulos do espaço e dos materiais. Assim, a dança se torna um processo vivo, sensível às possibilidades de cada corpo, reforçando a autonomia e a capacidade de inventar das crianças.

Isso nos leva à próxima reflexão que é de **emergente das crianças**. O movimento das crianças frequentemente surpreende e transforma as proposições que levamos à sala de dança. Uma proposta pode sugerir um gesto ou uma exploração, mas cada criança, ao interagir com ela, inventa caminhos próprios que revelam possibilidades não previstas. Por exemplo, ao propor um movimento ondulante, uma criança pode encontrar uma forma inédita de ondular; ao compartilhá-la, o educador pode destacar sua descoberta para o grupo, criando uma nova rota coletiva de movimento. Assim, a prática não é simplesmente realizada, mas reinventada a cada encontro, tornando o processo vivo e aberto. Reconhecemos nessa descoberta que essa é uma forma de promover o protagonismo das crianças.

O **protagonismo das crianças** nasce do reconhecimento de que elas não são apenas receptoras das proposições, mas coautoras do movimento e da dança. Essa perspectiva parte da compreensão da infância como uma categoria social específica, dotada de características, desejos e formas de expressão próprias que precisam ser cuidadas e valorizadas. Ao observar, imitar, reinventar e compartilhar suas descobertas, cada criança contribui para a criação coletiva, dando novos sentidos às práticas. No Coletivo, valorizamos esse protagonismo ao propor experiências que permitam às crianças experimentar, testar caminhos e influenciar o grupo, reconhecendo suas escolhas, gestos e invenções. Dessa forma, a dança deixa de ser um ato dirigido exclusivamente pelo educador e se transforma em um espaço de troca, co-criação e aprendizado mútuo, onde a criatividade e a iniciativa das crianças orientam a trajetória do movimento, respeitando e celebrando sua singularidade como infância.

As **palavras dançantes** emergem da interseção entre a palavra e a dança, criando entrelaços que podem expressar o universo singular das crianças. Na dissertação de mestrado do autor, Marcos, intitulada “Palavra viva: escrita dançante em Pés-Raízes” (Souza, 2025) investigou-se modos de escrever e falar com crianças,

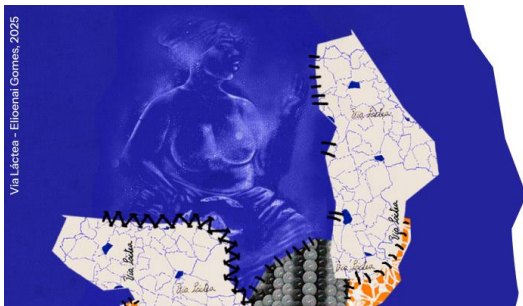


aprofundando este eixo de reflexão, e buscando uma linguagem que dialogasse com a experiência sensível, lúdica e simbólica que as crianças experienciam o mundo. No Coletivo e na coleção Dança/Natureza, as palavras se tornam instrumentos para provocar, nomear e orientar movimentos sem substituir a criatividade infantil. Elas operam em diálogo com metáforas corporais, estimulando a imaginação, o ritmo e a exploração do corpo como linguagem. Assim, educadores podem utilizar essas palavras como estímulos que convidam ao movimento e à criação coletiva, respeitando a autonomia das crianças e fortalecendo seu protagonismo na dança.

As reflexões sobre as palavras abriram os horizontes para refletir também sobre a linguagem que usamos nos cadernos do Coletivo. Buscamos que a linguagem vá além da simples descrição de movimentos ou instruções técnicas. O eixo **descritivo/relacional** propõe um tom que aproxima educadores e crianças, criando uma relação viva com o movimento e com o contexto da experiência. Ao escrever de forma relacional, sugerimos caminhos de exploração sem impor soluções, permitindo que o educador dialogue com os corpos e as respostas das crianças. Essa abordagem fortalece a percepção das nuances do movimento, a escuta do grupo e o respeito à diversidade de gestos, ritmos e escolhas. Em vez de apenas instruir, o texto convida à observação, à experimentação e à co-criação, transformando cada prática em um espaço de troca e encontro sensível.

Importante também em nossas reflexões foi o entendimento do lúdico nas aulas de dança. Por isso, defendemos a ideia de ir **da brincadeira à dança**. Nos cadernos da coleção Dança/Natureza, a brincadeira é entendida não como fim em si mesma, mas como ponte para experiências corporais mais amplas e significativas. O lúdico é familiar às crianças e desperta prazer, mas também abre lugar para explorar ritmo, espaço, tempo e movimento de forma inventiva. Partir da brincadeira permite que o corpo das crianças se engaje plenamente, que a imaginação floresça e que as descobertas emergjam de maneira espontânea. Assim, o jogo e o lúdico funcionam como estímulo inicial, conduzindo à dança como prática criativa e sensível em que educadores e crianças constroem juntos trajetórias de movimento e expressão.

Ao percorrermos esses doze eixos de reflexão, percebemos que cada proposição se entrelaça em uma rede de sentidos que se dá junto às crianças e aos



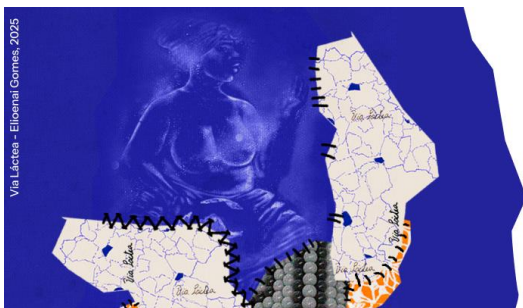
educadores. Mais que listar princípios ou orientações, desdobramos os saberes que emergem da/na prática, na experiência compartilhada e no diálogo constante *junto a*: crianças, objetos, espaço e colegas. Esses eixos nos permitem refletir sobre nossas escolhas, mas também nos convidam — e podem convidar a quem nos lê — a continuar experimentando, inventando e ajustando, à medida que a dança acontece no presente.

#### **4 PARTILHA QUE CONTINUA:**

Retomando o entusiasmo, afirmamos que nossa prática nos move e somos movidos pelo que fazemos. E fazemos, no presente, porque ainda estamos em produção. Aqui, partilhamos experiências em gerúndio, que se dão enquanto escrevemos este texto e enquanto vocês leem.

Com essa experiência de escrita, buscamos reafirmar a potência da Dança/Educação que acontece junto às crianças, em que os saberes e modos de fazer/criar se manifestam no encontro entre educadores e educandos, afirmando o campo de invenção da Dança. Em ressonância com o tema desta edição do ConFAEB — “Ensinos das Artes: macro e micropolíticas em movimentos coletivos” — partilhamos as micropolíticas que se dão em nosso Coletivo. O que poderia parecer um simples jogo de palavras — substituir termos (cartilha por partilha, atividade por proposição), trocar preposições (Dança/Educação para crianças por junto a crianças) — é, na verdade, um gesto político: tensionamos o campo da Arte/Educação, lidando com a micropolítica que se manifesta nas escolhas de palavras usadas em espaços educativos. Cada escolha de linguagem revela posicionamentos e intenções frente ao mundo, e nossa escrita afirma o nosso compromisso com esse modo de agir.

Por fim, indicamos a coleção Dança/Natureza como contribuição micropolítica de criação artística e educativa. A escrita que propomos não apenas comunica ideias sobre dança e educação — ela própria dança e educa, no modo como se escreve. Nosso entusiasmo continua, nossa prática também. O que partilhamos aqui, segue em gerúndio se modificando... dançando.



## REFERÊNCIAS

BOTELLI, Mabel; FARIAS, Caroline; COSTA, Tamires; VICENÇA, Samara. *Aiê, Caracol*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2024.

BOTELLI, Mabel; JORDANA, Iara. *Borboletas*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2024.

BOTELLI, Mabel; NOGUEIRA, Gleiciane; PIMENTEL, Thais. *Águas*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2024.

BOTELLI, Mabel; NOGUEIRA, Gleiciane. *João, o Sabiá*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2024.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela Pesquisa Performativa. In: *5o. Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP*, 5, 2015, São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015, p. 41-53.

MARTINS, Mirian Celeste. Antídotos para “alergias pedagógicas”: a ação e o conceito muito além da atividade e do conteúdo, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. *Anais [...] Goiânia*: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2388-2404.

ROCHA, Thereza. *O que é dança contemporânea?: uma aprendizagem e um livro de prazeres*. Salvador: Conexões Criativas, 2016.

SOUZA, Marcos Henrique. *Palavra viva: escrita dançante em Pés-Raízes*. 2025. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.